





A GUERRA DOS TRONOS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO UM

Copyright © George R. R. Martin
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © 2010, Texto Editores Ltda.
Título original: *A Game of Thrones*

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier
Produção Editorial: Suria Scapin

Preparação de texto: Márcia Duarte
Revisão: Bel Ribeiro e André Albert
Diagramação: Ricardo Nakamiti
Adaptação de capa: Osmane Garcia Filho

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

M381	Martin, George R. R., 1948- A guerra dos tronos / George R. R. Martin ; tradução: Jorge Candeias. – São Paulo : Leya, 2010. 592 p. : il. – (As crônicas de gelo e fogo ; 1) Tradução de: A game of thrones. ISBN 978-85-62936-52-4 1. Literatura americana. 2. Ficção fantástica americana. I. Título. II. Série
10-0030	CDD-813

2010
Todos os direitos desta edição reservados à
TEXTO EDITORES LTDA.
[Uma editora do grupo Leya]
Av. Angélica, 2163 – conj. 175/178
01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP
www.leya.com

GEORGE R.R.
MARTIN

A GUERRA DOS TRONOS

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

LIVRO UM

Tradução
Jorge Candeias

LEYA
C U L T



Prólogo

- Deveríamos regressar – insistiu Gared quando os bosques começaram a escurecer ao redor do grupo. – Os selvagens estão mortos.

– Os mortos o assustam? – perguntou Sor Waymar Royce com não mais do que uma sugestão de sorriso no rosto.

Gared não mordeu a isca. Era um homem velho, com mais de cinquenta anos, e vira os nobres chegar e partir.

– Um morto é um morto – respondeu. – Nada temos a tratar com os mortos.

– Mas estão mortos? – perguntou Royce com suavidade. – Que prova temos disso?

– Will os viu – disse Gared. – Se ele diz que estão mortos, é prova suficiente para mim.

Will já sabia que o arrastariam para a disputa mais cedo ou mais tarde. Desejou que tivesse sido mais tarde.

– Minha mãe disse-me que os mortos não cantam – contou Will.

– Minha ama de leite disse a mesma coisa, Will – respondeu Royce. – Nunca acredite em nada do que ouvir junto à mama de uma mulher. Há coisas a aprender mesmo com os mortos – sua voz gerou ecos, alta demais na penumbra da floresta.

– Temos perante nós uma longa cavalgada – salientou Gared. – Oito dias, talvez nove. E a noite está para cair.

Sor Waymar Royce olhou o céu de relance, com desinteresse.

– Isso acontece todos os dias por esta hora. Você perde a virilidade com o escuro, Gared?

Will via o aperto em torno da boca de Gared, a ira só a custo reprimida nos olhos que espreitavam sob o espesso capuz negro de seu manto. Ele passara quarenta anos na Patrulha da Noite, em homem e em rapaz, e não estava acostumado a ser desvalorizado. Mas era mais do que isso. Will conseguia detectar no homem mais velho algo mais sob o orgulho ferido. Era possível sentir-lhe o gosto: uma tensão nervosa que se aproximava perigosamente do medo.

Will partilhava o desconforto do outro homem. Estava havia quatro anos na Muralha. Da primeira vez que fora enviado para lá, todas as velhas histórias lhe tinham ocorrido ao cérebro, e suas entranhas se tinham feito em água. Era agora um veterano de cem patrulhas, e a escura e infinita terra selvagem a que os sulistas chamavam floresta assombrada já não tinha terrores para si.

Até aquela noite. Algo era diferente então. Havia naquela escuridão algo de cortante que lhe fazia eriçar os pelos da nuca. Cavalgavam havia nove dias, para norte e noroeste, e depois de novo para norte, cada vez para mais longe da Muralha, seguindo sem desvios a trilha de um bando de saltadores selvagens. Cada dia fora pior que o anterior. Aquele tinha sido o pior de todos. Um vento frio soprava do norte e fazia as árvores sussurrarem como coisas vivas. Durante todo o dia

Will tivera uma sensação que era como se alguma coisa o estivesse observando, algo frio e implacável que não gostava dele. Gared também sentira. Will nada desejava com tanta força como cavalgar a toda pressa de volta à segurança da Muralha, mas este não era um sentimento que se pudesse partilhar com um comandante.

Especialmente com um comandante como aquele.

Sor Waymar Royce era o filho mais novo de uma Casa antiga com demasiados herdeiros. Era um jovem bem-apeçoado de dezoito anos, de olhos cinzentos, elegante e esbelto como uma faca. Montando em seu enorme corcel de batalha negro, o cavaleiro elevava-se bem acima de Will e Gared, montados nos seus garranos de menores dimensões. Trajava botas negras de couro, calças negras de lã, luvas negras de pele de toupeira e uma cintilante cota de malha negra e flexível por cima de várias camadas de lã negra e couro fervido. Sor Waymar era um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite havia menos de meio ano, mas ninguém poderia dizer que não se preparara para a sua vocação. Pelo menos no que dizia respeito ao guarda-roupa.

O manto constituía a consumação da sua glória; zibelina, espessa e negra, suave como pele. “Aposto que foi ele próprio quem as matou todas, ah, pois aposto”, dissera Gared na caserna, entre os vapores do vinho, “torceu-lhes as cabecinhas e arrancou-as, o nosso poderoso guerreiro”. A gargalhada fora partilhada por todos.

“É difícil aceitar ordens de um homem de quem nos rimos de copo na mão”, refletiu Will, sentado, tremendo, sobre o dorso do garrano. Gared devia sentir o mesmo.

– Mormont nos disse para os encontrarmos, e encontramos – disse Gared. – Estão mortos. Não voltarão a nos causar problemas. Temos uma dura cavalgada à nossa frente. Não gosto deste tempo. Se nevar, poderemos levar uma quinzena para regressar, e a neve é o melhor que podemos esperar. Alguma vez viu uma tempestade de gelo, senhor?

O nobre pareceu não ouvi-lo. Estudava o crepúsculo, o que aprofundava aquele seu modo meio aborrecido e meio distraído. Will já cavalgava com o cavaleiro havia tempo suficiente para compreender que era melhor não o interromper quando tinha aquela expressão.

– Diga-me de novo o que viu, Will. Todos os detalhes. Não deixe nada de fora.

Will fora um caçador antes de se juntar à Patrulha da Noite. Bem, na verdade fora um caçador furtivo. Os cavaleiros livres de Mallister tinham-no apanhado com a boca na botija nos bosques do próprio Mallister, esfolando um dos seus gamos, e apenas pudera escolher entre passar a vestir-se de negro e perder uma mão. Ninguém era capaz de se mover pela floresta tão silenciosamente como Will, e os irmãos negros não tinham demorado muito tempo para descobrir seu talento.

– O acampamento fica duas milhas mais à frente, para lá daquela cumeada, ao lado de um córrego – disse Will. – Cheguei o mais perto que me atrevi. Eles são oito, com homens e mulheres. Não vi crianças. Ergueram um abrigo contra a rocha. A neve já o cobriu bem, mas mesmo assim consegui descortiná-lo. Não vi nenhum fogo ardendo, mas a cova da fogueira ainda estava clara como o dia. Ninguém se movia. Observei durante muito tempo. Nunca um homem vivo ficou tão quieto.

– Viu algum sangue?

– Bem, não – admitiu Will.

– Viu armas?

– Algumas espadas, uns quantos arcos. Um homem tinha um machado. Com ar de ser pesado, duas lâminas, um cruel bocado de ferro. Estava no chão a seu lado, junto à sua mão.

– Prestou atenção à posição dos corpos?

Will encolheu os ombros.

– Um par deles está sentado junto ao rochedo. A maioria está no chão. Como caídos.

– Ou dormindo – sugeriu Royce.

– Caídos – insistiu Will. – Há uma mulher numa árvore de pau-ferro, meio escondida entre os ramos. Uma olhos-longos – ele deu um ténue sorriso. – Assegurei-me de que não me conseguiria ver. Quando me aproximei, vi que ela também não se movia – e sacudiu-se por um estremelecimento involuntário.

– Está enregelado? – perguntou Royce.

– Um pouco – murmurou Will. – É o vento, senhor.

O jovem cavaleiro virou-se para seu grisalho homem de armas. Folhas pesadas de geada suspiravam ao passar por eles, e o corcel de batalha movia-se de forma inquieta.

– Que lhe parece que possa ter matado aqueles homens, Gared? – perguntou Sor Waymar com ar casual, ajustando a posição do longo manto de zibelina.

– Foi o frio – disse Gared com uma certeza férrea. – Vi homens congelar no inverno passado e no outro antes desse, quando eu era pequeno. Toda a gente fala de neve com doze metros de profundidade, e do modo como o vento de gelo chega do norte uivando, mas o verdadeiro inimigo é o frio. Aproxima-se em silêncio, mais furtivo do que o Will. A princípio estremece-se e os dentes batem, e bate-se com os pés no chão e sonha-se com vinho aquecido e boas e quentes fogueiras. Ele queima, ah, como queima. Nada queima como o frio. Mas só durante algum tempo. Então, penetra no corpo e começa a enchê-lo, e passado algum tempo já não se tem força suficiente para combatê-lo. É mais fácil limitarmo-nos a nos sentar ou a adormecer. Dizem que não se sente dor alguma perto do fim. Primeiro, fica-se fraco e sonolento, e tudo começa a se desvanecer, e depois é como afundar num mar de leite morno. Como que pacífico.

– Quanta eloquência, Gared – observou Sor Waymar. – Nunca suspeitei que a tivesse dentro de si.

– Também tive o frio dentro de mim, nobre – Gared puxou para trás o capuz, oferecendo a Sor Waymar um longo olhar sobre os cotos onde as orelhas tinham estado. – Duas orelhas, três dedos dos pés e o mindinho da mão esquerda. Tive sorte. Encontramos meu irmão congelado no seu posto de vigia com um sorriso no rosto.

Sor Waymar encolheu os ombros.

– Deveria vestir coisas mais quentes, Gared.

Gared lançou ao nobre um olhar feroz, e as cicatrizes em redor das suas orelhas ficaram vermelhas de fúria nos locais onde o Mestre Aemon as cortara.

– Veremos quão quente poderá se vestir quando chegar o inverno – puxou o capuz para cima e arqueou as costas sobre o garrano, silencioso e carrancudo.

– Se Gared diz que foi o frio... – começou Will.

– Você fez alguma vigia nesta última semana, Will?

– Sim, senhor – nunca havia uma semana em que ele não fizesse uma maldita dúzia de vigias. Aonde o homem queria chegar?

– E em que estado encontrou a Muralha?

– Úmida – Will respondeu, franzindo a sobranalha. Agora que o nobre o fizera notar, via os fatos com clareza. – Eles não podem ter congelado. Se a Muralha está úmida, não podem. O frio não é suficiente.

Royce anuiu.

– Rapaz esperto. Tivemos alguns frios ligeiros na semana passada, e uma queda de neve rápida de vez em quando, mas com certeza não houve nenhum frio suficientemente forte para matar oito homens adultos. Homens vestidos de peles e couro, relembro, com um abrigo ali à mão e meios para fazer fogo – o sorriso do cavaleiro ressumava confiança. – Will, leve-nos lá. Quero ver esses mortos com meus próprios olhos.

E a partir desse momento nada mais havia a fazer. A ordem fora dada, e a honra os obrigava a obedecer.

Will seguiu à frente, com o pequeno garrano felpudo escolhendo com cuidado o caminho por entre a vegetação rasteira. Uma neve ligeira caíra na noite anterior, e havia pedras, raízes e covas escondidas por baixo da sua crosta, à espreita dos descuidados e dos imprudentes. Sor Waymar Royce vinha logo atrás, com o grande corcel negro de batalha resfolegando de impaciência. Aquele cavalo era a montaria errada para uma patrulha, mas tentem dizer isto ao nobre. Gared fechava a retaguarda. O velho soldado resmungava para si próprio enquanto avançava.

O crepúsculo aprofundava-se. O céu sem nuvens tomou um profundo tom de púrpura, a cor de uma velha nódoa negra, e depois se dissolveu em negro. As estrelas começaram a surgir. Uma meia-lua se ergueu. Will estava grato pela luz.

– Podemos decerto avançar mais depressa do que isto – disse Royce depois de a lua se erguer por completo.

– Com este cavalo, não – respondeu Will. O medo tornara-o insolente. – Talvez meu senhor deseje tomar a dianteira?

Sor Waymar Royce não se dignou a responder.

Em algum lugar nos bosques um lobo uivou.

Will levou o garrano para baixo de uma velha e nodosa árvore de pau-ferro e desmontou.

– Por que parou? – perguntou Sor Waymar.

– É melhor ir o resto do caminho a pé, senhor. O lugar é logo depois daquela colina.

Royce fez uma pausa momentânea, de olhos presos na distância e o rosto pensativo. Um vento frio sussurrou por entre as árvores. O grande manto de zibelina agitou-se nas costas como uma coisa semiviva.

– Há qualquer coisa de errado aqui – murmurou Gared.

O jovem cavaleiro dedicou-lhe um sorriso desdenhoso.

– Aí há?

– Não o sentiu? – perguntou Gared. – Escute a escuridão.

Will sentia. Em quatro anos na Patrulha da Noite, nunca estivera tão temeroso. O que era aquilo?

– Vento. Ruído de árvores. Um lobo. Que som te apavora tanto, Gared? – como Gared não respondeu, Royce deslizou graciosamente da sela. Atou com segurança o corcel de batalha a uma ramada baixa, bem afastado dos outros cavalos, e retirou a espada da bainha. Joias cintilaram no punho e o luar percorreu o aço brilhante. Era uma arma magnífica, forjada num castelo e, segundo aparentava, novinha em folha. Will duvidava que tivesse sido alguma vez brandida em fúria.

– O arvoredo é espesso por aqui – preveniu Will. – Essa espada o atrapalhará, senhor. Uma faca é melhor.

– Se precisar de instruções, eu as pedirei – disse o jovem senhor. – Gared, fique aqui. Guarde os cavalos.

Gared desmontou.

– Precisamos de uma fogueira. Tratarei disso.
– Quanta tolice tem nessa cabeça, velhote? Se houver inimigos nesta floresta, uma fogueira é a última coisa que queremos.

– Há alguns inimigos que uma fogueira manterá afastados – disse Gared. – Ursos, lobos gigantes e... e outras coisas...

A boca de Sor Waymar transformou-se numa linha dura.

– Não haverá fogo.

O capuz de Gared engolia-lhe o rosto, mas Will conseguia ver a cintilação dura nos olhos que se fixavam no cavaleiro. Por um momento, temeu que o homem mais velho puxasse a espada. Era uma coisa curta e feia, com o punho desbotado pelo suor e o gume denteado pelo muito uso, mas Will não daria um pendão de ferro pela vida do nobre se Gared a desembainhasse.

Por fim, Gared olhou para baixo.

– Não haverá fogo – murmurou de forma quase inaudível.

Royce tomou aquilo como aquiescência e virou-se.

– Indique o caminho – disse a Will.

Will teceu um rumo através de um matagal, depois subiu o declive da colina baixa onde encontrara seu ponto de vigia, por baixo de uma árvore sentinela. Sob a fina crosta de neve o solo estava úmido e lamacento, escorregadio, com rochas e raízes escondidas, prontas para provocar tropeços.

Will não fez nenhum som enquanto subia. Atrás de si ouvia o suave roçar metálico da cota de malha do nobre, o restolhar de folhas e pragas murmuradas quando ramos espetados se agarravam à espada e puxavam o magnífico manto de zibelina do outro homem.

A grande árvore estava mesmo no topo da colina onde Will sabia que estaria, com os ramos inferiores não mais que trinta centímetros acima do solo. Will deslizou por baixo, com a barriga apoiada na neve e na lama, e olhou a clareira vazia mais abaixo.

O coração parou no seu peito. Por um momento não se atreveu a respirar. O luar brilhava sobre a clareira, sobre as cinzas na cova da fogueira, sobre o abrigo coberto de neve, sobre o grande rochedo, sobre o pequeno riacho meio congelado. Tudo estava como estivera algumas horas antes.

Eles não estavam lá. Todos os corpos tinham desaparecido.

– Deuses! – ouviu alguém dizer atrás de si. Uma espada golpeou um ramo quando Sor Waymar Royce atingiu o topo da colina. Ficou em pé ao lado da árvore, de espada na mão, com o manto a ondular nas costas, soprado pelo vento que se levantava, nobremente delineado contra as estrelas para que todos o vissem.

– *Abaixem-se!* – segredou Will com urgência. – Há algo de errado.

Royce não se moveu. Olhou para a clareira vazia e deu risada.

– Parece que seus mortos levantaram acampamento, Will.

A voz de Will o abandonou. Procurou palavras que não vieram. Não era possível. Seus olhos percorreram para a frente e para trás o acampamento abandonado e pararam no machado. Um enorme machado de batalha de duas lâminas, ainda caído onde o vira pela última vez, intocado. Uma arma valiosa...

– De pé, Will – ordenou Sor Waymar. – Não há ninguém aqui. Não quero vê-lo escondido por baixo de um arbusto.

Relutante, Will obedeceu.

Sor Waymar olhou-o com aberta desaprovação:

– Não vou regressar a Castelo Negro com um fracasso na minha primeira patrulha. *Vamos encontrar aqueles homens – olhou de relance em volta. – Suba na árvore. Seja rápido. Procure uma fogueira.*

Will virou-se, sem palavras. Não valia a pena argumentar. O vento movia-se. Trespassava-o. Dirigiu-se para a árvore, uma sentinela abobadada cinzenta esverdeada, e começou a subir. Em breve tinha as mãos pegajosas de seiva e estava perdido entre as agulhas. O medo enchia-lhe o estômago como uma refeição que fosse incapaz de digerir. Murmurou uma prece aos deuses sem nome da floresta e libertou o punhal da bainha. Colocou-o entre os dentes para manter as mãos livres para a escalada. O sabor do ferro frio na boca o confortou.

Embaixo, o nobre de repente gritou:

– Quem vem lá?

Will ouviu incerteza na chamada. Parou de escalar; escutou; observou.

Os bosques deram resposta: um restolhar de folhas, o correr gelado do riacho, o pio distante de uma coruja das neves.

Os Outros não faziam som algum.

Will viu movimento com o canto do olho. Sombras pálidas que deslizavam pela floresta. Virou a cabeça, viu de relance uma sombra branca na escuridão. Logo depois ela desapareceu. Ramos agitaram-se gentilmente ao vento, coçando-se uns aos outros com dedos de madeira. Will abriu a boca para gritar um aviso, mas as palavras pareceram congelar na garganta. Talvez estivesse errado. Talvez tivesse sido apenas uma ave, um reflexo na neve, um truque qualquer do luar. Afinal, o que vira?

– Will, onde está? – chamou Sor Waymar. – Vê alguma coisa? – o homem descrevia um círculo lento, de súbito cauteloso, de espada na mão. Deve tê-los pressentido, tal como Will os pressentia. Nada havia para ver. – Responda! Por que está tão frio?

E *estava* frio. Tremendo, Will agarrou-se com mais força ao seu poleiro. Apertou o rosto com força contra o tronco da árvore. Sentia a seiva doce e pegajosa na bochecha.

Uma sombra emergiu da escuridão da floresta. Parou na frente de Royce. Era alta, descarnada e dura como ossos velhos, com uma carne pálida como leite. Sua armadura parecia mudar de cor quando se movia; aqui era tão branca como neve recém-caída, ali, negra como uma sombra, por todo o lado sarapintada com o profundo cinzento esverdeado das árvores. Os padrões corriam como o luar na água a cada passo que dava.

Will ouviu a exalação sair de Sor Waymar Royce num longo silvo.

– Não avance mais – preveniu o nobre. A voz estava quebrada como a de um rapaz. Atirou o longo manto de zibelina para trás por sobre os ombros, a fim de libertar os braços para a batalha, e pegou na espada com ambas as mãos. O vento parara. Estava muito frio.

O Outro deslizou para a frente sobre pés silenciosos. Na mão trazia uma espada que não era como nada que Will tivesse visto. Nenhum metal humano tinha entrado na forja daquela lâmina. Estava viva de luar, translúcida, um fragmento de cristal tão fino que parecia quase desaparecer quando visto de frente. Havia naquela coisa uma tênue cintilação azul, uma luz fantasmagórica que brincava com os seus limites, e de algum modo Will soube que era mais afiada do que qualquer navalha.

Sor Waymar enfrentou o inimigo com bravura.

– Neste caso, dance comigo.

Ergueu a espada bem alto acima da cabeça, desafiador. As mãos tremiam com o peso da arma, ou talvez devido ao frio. Mas naquele momento, pensou Will, já não era um rapaz, e sim um

homem da Patrulha da Noite. O Outro parou. Will viu seus olhos, azuis, mais profundos e mais azuis do que quaisquer olhos humanos, de um azul que queimava como gelo. Will fixou-se na espada que estremecia, erguida, e observou o luar que corria, frio, ao longo do metal. Durante um segundo, atreveu-se a ter esperança.

Emergiram em silêncio, das sombras, gêmeos do primeiro. Três... quatro... cinco... Sor Waymar talvez tivesse sentido o frio que vinha com eles, mas não chegou a vê-los, não chegou a ouvi-los. Will tinha de chamá-lo. Era seu dever. E sua morte, se o fizesse. Estremeceu, abraçou a árvore e manteve o silêncio.

A espada clara veio pelo ar, tremendo.

Sor Waymar parou-a com o aço. Quando as lâminas se encontraram, não se ouviu nenhum ressoar de metal com metal, apenas um som agudo e fino, no limiar da audição, como um animal a guinchar de dor. Royce deteve um segundo golpe, e um terceiro, e depois recuou um passo. Outra chuva de golpes, e recuou outra vez.

Atrás dele, para a direita, para a esquerda, em seu redor, os observadores mantinham-se em pé, pacientes, sem rosto, silenciosos, com os padrões mutáveis de suas delicadas armaduras a torná-los quase invisíveis na floresta. Mas não faziam um gesto para intervir.

Uma vez e outra, as espadas encontraram-se, até Will querer tapar os ouvidos, protegendo-os do estranho e angustiado lamento de seus choques. Sor Waymar já arquejava por causa do esforço, e a respiração gerava nuvens ao luar. Sua lâmina estava branca de gelo; a do Outro dançava com uma pálida luz azul.

Então, a parada de Royce chegou um momento tarde demais. A espada cristalina trespassou a cota de malha por baixo de seu braço. O jovem senhor gritou de dor. Surgiu sangue por entre os aros, correu ao frio, e as gotas pareciam vermelhas como fogo onde tocavam a neve. Os dedos de Sor Waymar esfregaram o flanco. Sua luva de pele de toupeira veio empapada de vermelho.

O Outro disse qualquer coisa numa língua que Will não conhecia; sua voz era como o quebrar do gelo num lago de inverno, e as palavras, escarnecedoras.

Sor Waymar Royce encontrou sua fúria.

– Por Robert! – gritou, e atacou, rosnando, erguendo com ambas as mãos a espada coberta de gelo e brandindo-a num golpe lateral paralelo ao chão, carregado com todo seu peso. A parada do Outro foi quase displicente.

Quando as lâminas se tocaram, o aço despedaçou-se.

Um grito ecoou pela noite da floresta, e a espada quebrou-se numa centena de pedaços quebradiços, espalhando os estilhaços como uma chuva de agulhas. Royce caiu de joelhos, guinchando, e cobriu os olhos. Sangue jorrou-lhe por entre os dedos.

Os observadores aproximaram-se uns dos outros, como que em resposta a um sinal. Espadas ergueram-se e caíram, tudo num silêncio mortal.

Era um assassinato frio. As lâminas pálidas atravessaram a cota de malha como se fosse seda. Will fechou os olhos. Muito abaixo, ouviu as vozes e os risos, aguçados como pingentes.

Quando reuniu coragem para voltar a olhar, um longo tempo se passara, e a colina lá embaixo estava vazia.

Ficou na árvore, quase sem se atrever a respirar, enquanto a lua foi rastejando lentamente pelo céu negro. Por fim, com os músculos cheios de câibras e os dedos dormentes de frio, desceu.

O corpo de Royce jazia na neve de barriga para baixo, com um braço aberto. O espesso manto de zibelina tinha sido cortado numa dúzia de lugares. Jazendo assim morto, via-se como era novo. Um rapaz.

Will encontrou o que restava da espada a alguns pés de distância, com a extremidade estilhaçada e retorcida, como uma árvore atingida por um relâmpago. Ajoelhou-se, olhou em volta com cautela e a apanhou. A espada quebrada seria sua prova. Gared saberia compreendê-la, e, se não soubesse, então haveria o velho urso do Mormont ou o Mestre Aemon. Estaria Gared ainda à espera com os cavalos? Tinha de se apressar.

Will endireitou-se. Sor Waymar Royce erguia-se sobre ele.

Suas belas roupas eram farrapos, o rosto, uma ruína. Um estilhaço da espada trespassara a pupila branca e cega do olho esquerdo.

O olho direito estava aberto. A pupila queimava, azul. Via.

A espada quebrada caiu de dedos despídos de força. Will fechou os olhos para rezar. Mãos longas e elegantes roçaram na sua bochecha e depois se fecharam em volta de sua garganta. Estavam enluvadas na mais fina pele de toupeira e pegajosas de sangue, mas seu toque era frio como gelo.

Bran

A manhã chegara límpida e fria, com uma aspereza que sugeria o fim do verão. Partiram ao nascer do dia para ir ver a decapitação de um homem, vinte ao todo, e Bran cavalgava com os outros, nervoso e excitado. Fora a primeira vez que se considerara que ele tinha idade suficiente para ir com o senhor seu pai e os irmãos ver fazer-se a justiça do rei. Era o nono ano de verão, e o sétimo da vida de Bran.

O homem tinha sido capturado no exterior de um pequeno povoado nos montes. Robb pensava que se tratava de um selvagem, com a espada a serviço de Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha. Pensar nisso fazia a pele de Bran formigar. Lembrava-se das histórias que a Velha Ama lhes contava à lareira. Os selvagens eram homens cruéis, dizia, escravagistas, assassinos e ladrões. Faziam amizade com gigantes e vampiros, raptavam meninas pela calada da noite e bebiam sangue por cornos polidos. E suas mulheres deitavam-se com os Outros durante a Longa Noite e geravam terríveis crianças meio humanas.

Mas o homem que encontraram amarrado pelos pés e mãos ao muro do povoado, à espera da justiça real, era velho e descarnado, não muito mais alto do que Robb. Perdera ambas as orelhas e um dedo, queimados pelo frio, e vestia-se todo de negro como um irmão da Patrulha da Noite, não estivessem as peles esfarrapadas e besuntadas de gordura.

As respirações de homens e cavalos misturavam-se em nuvens de vapor no ar frio da manhã quando o senhor seu pai ordenou que cortassem as cordas que prendiam o homem ao muro e o arrastassem até junto do grupo. Robb e Jon sentavam-se, altos e imóveis sobre os cavalos, com Bran entre eles, no seu pônei, tentando parecer ter mais do que os seus sete anos, e fingindo que já assistira antes a tudo aquilo. Um vento tênue soprava através do portão do povoado. Sobre suas cabeças agitava-se o estandarte dos Stark de Winterfell: um lobo gigante cinzento correndo por um campo branco de gelo.

O pai de Bran sentava-se solenemente sobre o cavalo, com longos cabelos castanhos a ondular ao vento. A barba bem aparada estava salpicada de branco, fazendo-o parecer mais velho do que os seus trinta e cinco anos. Hoje tinha uma sombra severa sobre os olhos cinzentos, e parecia bem diferente do homem que se sentava em frente ao fogo, à noite, e falava suavemente da era dos heróis e das crianças da floresta. Tirara a cara de pai, pensou Bran, e colocara a de Lorde Stark de Winterfell.

Houve questões que foram postas e suas respostas dadas ali, ao frio da manhã, mas, mais tarde, Bran não recordaria muito do que fora dito. Por fim, o senhor seu pai deu uma ordem, e dois dos seus guardas arrastaram o homem esfarrapado até o toco de pau-ferro no centro da praça. Empurraram-lhe a cabeça à força contra a madeira dura e negra. Lorde Eddard Stark desmontou, e seu protegido, Theon Greyjoy, apresentou-lhe a espada. Chamavam Gelo àquela

espada. Era larga como uma mão de homem e mais alta ainda do que Robb. A lâmina era de aço valiriano, forjado com feitiços e escuro como fumo. Nada mantinha o fio como o aço valiriano.

O pai de Bran descalçou as luvas e as entregou a Jory Cassel, o capitão da guarda de sua casa. Pegou Gelo com ambas as mãos e disse:

– Em nome de Robert da Casa Baratheon, o Primeiro do seu Nome, rei dos Ándalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Domínio, pela voz de Eddard da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Guardião do Norte, condeno-o à morte – e ergueu a espada bem alto sobre a cabeça.

O irmão bastardo de Bran, Jon Snow, aproximou-se.

– Mantenha rédea curta sobre o pônei – sussurrou. – E não afaste os olhos. O pai saberá se assim fizer.

Bran manteve rédea curta sobre o pônei e não afastou os olhos.

Seu pai cortou a cabeça do homem com um único golpe, dado com segurança. O sangue borrifou a neve, tão vermelho como vinho de verão.

Um dos cavalos empinou-se e teve de ser segurado para que não fugisse. Bran não conseguia tirar os olhos do sangue. A neve que rodeava o poste bebia-o com sofreguidão, ficando cada vez mais vermelha enquanto ele observava.

A cabeça bateu numa raiz grossa e rolou. Parou perto dos pés de Greyjoy. Theon era um jovem esguio e escuro de dezenove anos que achava tudo divertido. Soltoou uma gargalhada, pôs a bota sobre a cabeça e deu-lhe um pontapé.

– Cretino – resmungou Jon, suficientemente baixo para que Greyjoy não ouvisse. Pôs uma mão no ombro de Bran, que olhava o irmão bastardo. – Esteve bem – disse-lhe Jon solenemente. Jon tinha catorze anos, já era experiente na justiça.

O tempo parecia mais frio durante a longa viagem de regresso a Winterfell, embora o vento tivesse caído e o sol estivesse mais alto no céu. Bran cavalgava junto aos irmãos, bem adiantados em relação ao resto dos cavaleiros, com o pônei esforçando-se ao máximo para acompanhar o ritmo dos outros cavalos.

– O desertor morreu com bravura – disse Robb. Era grande e largo e crescia dia a dia, com as cores da mãe, a pele clara, os cabelos vermelho-acastanhados e os olhos azuis dos Tully de Correrrio. – Tinha coragem, pelo menos.

– Não – disse Jon Snow calmamente. – Não era coragem. Este estava morto de medo. Podia-se ver em seus olhos, Stark – os de Jon eram de um cinzento tão escuro que pareciam quase negros, mas pouco havia que não vissem. Tinha a mesma idade que Robb, mas os dois não eram parecidos. Jon era esguio e escuro, enquanto Robb era musculoso e claro; este era gracioso e ligeiro; seu meio-irmão, forte e rápido.

Robb não estava impressionado.

– Que os Outros levem seus olhos – praguejou. – Ele morreu bem. Fazemos uma corrida até a ponte?

– Fazemos – disse Jon, impulsionando o cavalo em frente. Robb praguejou e seguiu-o, e galoparam pela trilha afora, com Robb aos gritos e assobios, e Jon silencioso e concentrado. Os cascos dos cavalos levantavam nuvens de neve por onde passavam.

Bran não tentou segui-los. Seu pônei não era capaz de acompanhá-los.

Vira os olhos do homem esfarrapado, e estava agora pensando neles. Após algum tempo, o som das gargalhadas de Robb atenuou-se e os bosques ficaram silenciosos novamente.

Estava tão embrenhado nos seus pensamentos que não ouviu o resto do grupo, até que seu pai pôs o cavalo a par com sua montaria.

– Está bem, Bran? – perguntou, não sem simpatia.

– Sim, pai – disse Bran. Olhou para cima. Envolto em peles e couros, montado no grande cavalo de guerra, o senhor seu pai pairava acima de si como um gigante. – Robb diz que o homem morreu bravamente, mas Jon disse que ele tinha medo.

– E o que pensa você? – perguntou-lhe o pai.

Bran refletiu sobre o assunto.

– Pode um homem continuar a ser valente se tiver medo?

– Esta é a única maneira de um homem ser valente – seu pai respondeu. – Compreende por que o fiz?

– Ele era um selvagem – disse Bran. – Eles roubam mulheres e vendem-nas aos Outros.

Seu pai sorriu.

– A Velha Ama tem andado outra vez a lhe contar histórias. Na verdade, o homem era um insurreto, um desertor da Patrulha da Noite. Ninguém pode ser mais perigoso. O desertor sabe que sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por mais vil que seja. Mas você não me compreendeu bem. A pergunta não era sobre o motivo por que o homem tinha de morrer, mas sim por que *eu* tive de fazê-lo.

Bran não tinha resposta para aquilo.

– O rei Robert tem um carrasco – respondeu, em tom incerto.

– Tem – admitiu o pai. – E os reis Targaryen também tiveram antes dele. Mas o nosso costume é o mais antigo. O sangue dos Primeiros Homens ainda corre nas veias dos Stark, e mantemos a crença de que o homem que dita a sentença deve manejar a espada. Se tirar a vida de um homem, deve olhá-lo nos olhos e ouvir suas últimas palavras. E se não conseguir suportar fazê-lo, então talvez o homem não mereça morrer. Um dia, Bran, será vassalo de Robb, mantendo um domínio seu para o seu irmão e o seu rei, e a justiça caberá a você. Quando esse dia chegar, não deve ter nenhum prazer na tarefa, mas tampouco deverá desviar os olhos. Um governante que se esconde atrás de executores pagos depressa se esquece do que é a morte.

Foi então que Jon reapareceu sobre o cume da colina à frente do grupo. Acenou e gritou-lhes:

– Pai, Bran, venham depressa ver o que Robb encontrou! – e depois voltou a desaparecer.

Jory pôs-se ao lado de Bran e do pai.

– Problemas, senhor?

– Sem nenhuma dúvida – disse o senhor seu pai. – Vamos, vamos ver que velhacaria desenterraram agora os meus filhos – pôs o cavalo a trote. Jory, Bran e o resto do grupo seguiram-no.

Encontraram Robb na margem do rio, ao norte da ponte, com Jon ainda montado ao seu lado. As neves do fim do verão tinham sido pesadas naquela volta da lua. Robb estava enterrado em branco até os joelhos, com o capuz atirado para trás, e o sol brilhava nos seus cabelos. Aconchegava alguma coisa no braço enquanto os rapazes conversavam em vozes excitadas, mas baixas.

Os cavaleiros escolheram o caminho com cuidado através dos detritos empilhados pelo rio, Tateando em busca de apoio sólido no terreno escondido e irregular. Jory Cassel e Theon Greyjoy foram os primeiros a chegar perto dos rapazes. Greyjoy ria e gracejava enquanto se aproximava. Bran ouviu o fôlego sair-lhe do peito.

– *Deuses!* – exclamou, lutando por manter o controle do cavalo enquanto levava a mão à espada. A espada de Jory já estava na mão.

– Robb, afaste-se disso! – gritou, enquanto o cavalo empinava entre suas pernas.

Robb sorriu e ergueu o olhar do volume que tinha nos braços.

– Ela não lhe pode fazer mal – disse. – Está morta, Jory.

Por aquela altura, Bran já ardia de curiosidade. Teria esporeado o pônei para avançar mais depressa, mas o pai os fez desmontar junto à ponte e aproximar-se a pé. Bran saltou do animal e correu.

Também Jon, Jory e Theon Greyjoy já tinham desmontado.

– O que, pelos sete infernos, é isso? – disse Greyjoy.

– Uma loba – disse Robb.

– Uma aberração – disse Greyjoy. – Olha o *tamanho* da coisa.

O coração de Bran martelava-lhe no peito enquanto abria caminho através de uma pilha de detritos que lhe alcançava a cintura, até que chegou ao lado do irmão.

Meio enterrada na neve manchada de sangue, uma forma enorme atolava-se na morte. Em sua desgrenhada pelagem cinzenta formara-se gelo, e um tênue cheiro de putrefação impregnava-a como perfume de mulher. Bran viu de relance os olhos cegos repletos de vermes, uma grande boca cheia de dentes amarelados. Mas foi o tamanho da coisa que o fez ficar de boca aberta. Era maior que seu pônei, com o dobro do tamanho do maior cão de caça do canil de seu pai.

– Não é aberração nenhuma – disse Jon calmamente. – Isso é uma loba gigante. Eles crescem mais do que os da outra espécie.

Theon Greyjoy disse:

– Não é visto nenhum lobo gigante ao sul da Muralha há duzentos anos.

– Vejo um agora – respondeu Jon.

Bran desviou os olhos do monstro. Foi então que reparou no fardo que estava nos braços de Robb. Soltou um grito de deleite e aproximou-se. O filhote era uma minúscula bola de pelo cinza-escuro, ainda com os olhos fechados. Batia cegamente com o focinho contra o peito de Robb, procurando leite nos couros que o cobriam, soltando um pequeno som lamentoso e triste. Bran estendeu uma mão hesitante.

– Vá lá – disse-lhe Robb. – Pode tocá-lo.

Bran fez um afago rápido e nervoso no filhote e depois se virou quando Jon disse:

– Ora, veja aqui – seu meio-irmão pôs um segundo filhote nos seus braços. – Há cinco ao todo – Bran sentou-se na neve e abraçou a cria de lobo, encostando-a ao rosto. O pelo do animal era suave e morno.

– Lobos gigantes à solta no reino depois de tantos anos – murmurou Hullen, o mestre dos cavalos. – Não me agrada.

– É um sinal – disse Jory.

O pai franziu a sobrancelha.

– Isto é só um animal morto, Jory – disse, apesar de parecer perturbado. A neve rangia sob seus pés enquanto passeava ao redor do corpo. – Sabemos o que a matou?

– Há qualquer coisa na garganta – disse Robb, orgulhoso de ter encontrado a resposta mesmo antes de o pai ter perguntado. – Ali, por baixo da mandíbula.

O pai ajoelhou-se e tateou sob a cabeça do animal. Deu um puxão e ergueu a coisa para que todos a vissem. Trinta centímetros de um chifre estilhaçado de veado, com as pontas partidas, todo vermelho de sangue. Um silêncio súbito caiu sobre o grupo. Os homens olharam inquietos para o corno, mas ninguém se atreveu a falar. Mesmo Bran pressentia seu medo, embora não compreendesse.

O pai atirou o chifre para o lado e limpou as mãos na neve.

– Surpreende-me que ela tenha vivido tempo suficiente para parir – disse, e sua voz quebrou o encantamento.

– Talvez não tenha – disse Jory. – Ouvi histórias... talvez a loba já estivesse morta quando os filhotes chegaram.

– Nascidos com os mortos – interveio outro homem. – Pior sorte.

– Não importa – disse Hullen. – Não tarda e estarão mortos também.

Bran soltou um grito inarticulado de desalento.

– Quanto mais depressa, melhor – concordou Theon Greyjoy e puxou a espada. – Dê-me o animal, Bran.

A criaturinha enroscou-se nele, como se tivesse ouvido e compreendido.

– *Não!* – gritou Bran ferozmente. – É meu.

– Guarda a espada, Greyjoy – disse Robb, que por um momento soou tão autoritário como o pai, como o senhor que viria a ser um dia. – Vamos ficar com esses filhotes.

– Não pode fazer isso, rapaz – disse Harwin, que era filho de Hullen.

– Será misericordioso matá-los – disse Hullen.

Bran olhou o senhor seu pai em busca de salvação, mas só recebeu um franzir de cenho, uma testa cheia de sulcos.

– Hullen fala a verdade, filho. É melhor uma morte rápida do que uma lenta, de frio e de fome.

– *Não!* – sentia que lágrimas lhe brotavam dos olhos e afastou-se. Não queria chorar na frente do pai.

Robb resistia com teimosia.

– A cadela vermelha de Sor Rodrik pariu de novo na semana passada – disse. – Foi uma ninhada pequena, só com dois cachorros vivos. Ela terá leite suficiente.

– Ela os despedaçará quando tentarem mamar.

– Lorde Stark – disse Jon. Era estranho ouvi-lo chamar o pai assim, de modo tão formal. Bran olhou-o com uma esperança desesperada. – Há cinco crias. Três machos e duas fêmeas.

– E então, Jon?

– O senhor tem cinco filhos legítimos – disse Jon. – Três filhos e duas filhas. O lobo gigante é o selo da vossa Casa. Os vossos filhos estão destinados a ficar com essa ninhada, senhor.

Bran viu o rosto do pai mudar e os outros homens trocarem olhares. Naquele momento, amou Jon de todo o coração. Mesmo com seus sete anos, Bran compreendeu o que o irmão fizera. A conta estava certa apenas porque Jon se omitira. Incluía as moças e até Rickon, o bebê, mas não o bastardo que usava o apelido Snow, o nome que, pelo costume, devia ser dado a todos aqueles que, no Norte, eram suficientemente infelizes para não possuir um nome seu.

O pai também o compreendera.

– Não quer uma cria para você, Jon? – perguntou brandamente.

– O lobo gigante honra os estandartes da Casa Stark – Jon retrucou. – Eu não sou um Stark, pai.

O senhor seu pai o olhou, pensativo. Robb apressou-se a preencher o silêncio que ele deixara.

– Cuidarei eu próprio dele, pai – prometeu. – Embeberei uma toalha em leite morno e assim lhe darei de mamar.

– Eu também! – disse Bran num eco.

O senhor avaliou os filhos longa e cuidadosamente com os olhos.

– É fácil dizer, mas é difícil fazer. Não quero vê-los desperdiçando com isto o tempo dos criados. Se querem esses filhotes, vocês os alimentarão. Entendido?

Bran acenou com ardor. O animal contorceu-se nos seus braços e lambeu-lhe o rosto com uma língua morna.

– Devem treiná-los também – disse-lhes o pai. – *Devem* ensiná-los. O mestre do canil não vai querer ter nada a ver com esses monstros, garanto a vocês. E que os deuses os protejam se negligenciarem, maltratarem ou treinarem mal esses animais. Esses não são cães que peçam festas ou se esquivem a um pontapé. Um lobo gigante é capaz de arrancar o braço de um homem com tanta facilidade como um cão mata uma ratazana. Têm certeza de que querem isto?

– Sim, pai – disse Bran.

– Sim – concordou Robb.

– Os filhotes podem morrer de qualquer modo, apesar de tudo o que fizerem.

– Eles não morrerão – disse Robb. – Não *deixaremos* que morram.

– Fiquem então com eles. Jory, Desmond, recolham os demais. É tempo de regressarmos a Winterfell.

Foi só depois de terem montado e de se terem posto a caminho que Bran se permitiu saborear o doce ar da vitória. Nessa altura, seu filhote estava aconchegado entre seus couros, quente contra seu corpo, a salvo durante a longa viagem para casa. Bran perguntava-se como haveria de chamá-lo.

No meio da ponte, Jon puxou subitamente as rédeas.

– Que se passa, Jon? – perguntou o senhor seu pai.

– O senhor não ouviu?

Bran ouvia o vento nas árvores, o ruído dos cascos nas tábuas de pau-ferro, os lamentos da cria faminta, mas Jon escutava outra coisa.

– Ali – disse Jon. Fez o cavalo dar meia-volta e galopou pela ponte, pelo caminho por onde viera. Viram-no desmontar onde a loba gigante jazia morta na neve e ajoelhar-se. Um momento mais tarde, cavalgava de regresso, sorrindo. – Deve ter se afastado dos outros – ele disse.

– Ou sido afastado – disse o pai, olhando a sexta cria. A pelagem desta era branca, enquanto a do resto da ninhada era cinzenta. Seus olhos eram tão vermelhos como o sangue do homem esfarrapado que morrera naquela manhã. Bran achou curioso que só aquele cachorro tivesse aberto os olhos, enquanto os outros ainda estavam cegos.

– Um albino – disse Theon Greyjoy com um perverso divertimento. – Este ainda vai morrer mais depressa do que os outros.

Jon Snow deitou sobre o protegido de seu pai um olhar longo e gelado.

– Penso que não, Greyjoy – disse. – Este me pertence.

Catelyn

Catelyn nunca gostara daquele bosque sagrado. Nascera entre os Tully, em Correrrio, mais ao Sul, nas margens do Ramo Vermelho do Tridente. O bosque sagrado que lá havia era um jardim, luminoso e arejado, onde grandes árvores de pau-brasil espalhavam sombras sarapintadas por córregos que rumorejavam entre as margens, aves cantavam em ninhos escondidos e o ar era perfumado pelo odor de flores.

Os deuses de Winterfell mantinham um tipo diferente de bosque. Era um lugar escuro e primordial, três acres de floresta antiga, intocada ao longo de dez mil anos, enquanto o castelo se levantava a toda sua volta. Cheirava a terra úmida e a decomposição. Ali não crescia o pau-brasil. Aquele era um bosque de obstinadas árvores sentinelas, revestidas de agulhas cinza-esverdeadas, de poderosos carvalhos, de árvores de pau-ferro tão velhas como o próprio reino. Ali, espessos troncos negros enroscavam-se uns aos outros, enquanto ramos retorcidos teciam um denso dossel elevado e raízes deformadas batalhavam sob o solo. Aquele era um lugar de profundo silêncio e sombras meditativas, e os deuses que ali viviam não tinham nomes.

Mas ela sabia que naquela noite encontraria ali seu marido. Sempre que ele tirava a vida de um homem, procurava depois o sossego do bosque sagrado.

Catelyn fora ungida com os sete óleos e fora-lhe dado o nome no arco-íris de luz que enchia o septo de Correrrio. Pertencia à Fé, tal como o pai e o avô, e o pai deste antes dele. Seus deuses possuíam nomes, e seus rostos eram-lhe tão familiares como os de seus pais. O serviço religioso era um septão com um turíbulo, o cheiro do incenso, um cristal de sete lados animado com luz, vozes erguidas em canto. Os Tully mantinham um bosque sagrado, como todas as grandes casas, mas era apenas um lugar para passear, ler ou ficar deitado ao sol. A prece pertencia ao septo.

Por ela, Ned tinha construído um pequeno septo onde podia cantar às sete caras de deus, mas o sangue dos Primeiros Homens ainda corria nas veias dos Stark, e seus deuses eram os antigos, os deuses sem nome nem rosto da mata verde que partilhavam com os filhos desaparecidos da floresta.

No centro do bosque, um antigo represeiro reinava pensativo sobre uma pequena lagoa onde as águas eram negras e frias. Ned chamava-lhe “a árvore-coração”. A casca do represeiro era branca como osso e suas folhas, vermelhas como um milho de mãos manchadas de sangue. Uma cara tinha sido esculpida no tronco da grande árvore, de traços compridos e melancólicos, com os olhos profundamente escavados, vermelhos de seiva seca e estranhamente vigilantes. Aqueles olhos eram velhos; mais velhos do que a própria Winterfell. Se as lendas falavam a verdade, tinham visto Brandon, o Construtor, assentar a primeira pedra; tinham visto as muralhas de granito do castelo crescer à sua volta. Dizia-se que os filhos da floresta tinham esculpido as caras nas árvores durante os séculos de alvorada, antes da chegada dos Primeiros Homens, vindos do mar estreito.

No sul, os últimos represeiros tinham sido derrubados ou queimados havia mil anos, exceto na Ilha das Caras, onde os homens verdes mantinham sua vigilância silenciosa e as coisas eram diferentes. Aqui cada castelo possuía seu bosque sagrado, e cada bosque sagrado tinha sua árvore-coração, e cada árvore-coração, seu rosto.

Catelyn encontrou o marido sob o represeiro, sentado numa pedra coberta de musgo. Tinha Gelo, a espada, pousada sobre as coxas, e limpava-lhe a lâmina naquelas águas, negras como a noite. Mil anos de húmus jaziam numa grossa camada no solo do bosque sagrado, engolindo o som dos pés da mulher, mas os olhos vermelhos do represeiro pareciam segui-la enquanto se aproximava.

– Ned – ela chamou, com suavidade.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la.

– Catelyn – disse. Sua voz era distante e formal. – Onde estão as crianças?

Ele sempre lhe perguntava aquilo.

– Na cozinha, discutindo nomes para as crias de lobo – ela estendeu o manto sobre o chão da floresta e sentou-se junto à lagoa, de costas voltadas para o represeiro. Podia sentir os olhos a observá-la, mas fez o melhor que pôde para ignorá-los. – Arya já está apaixonada, e Sansa, enfeitada e apiedada, mas Rickon não está muito seguro.

– Tem medo? – Ned perguntou.

– Um pouco – admitiu ela. – Só tem três anos.

Ned franziu as sobrancelhas.

– Ele tem de aprender a enfrentar seus medos. Não terá três anos para sempre. E o inverno está para chegar.

– Sim – concordou Catelyn. As palavras provocaram-lhe um arrepio, como sempre. As palavras Stark. Todas as casas nobres tinham as suas palavras. Lemas de família, pedras de toque, espécies de orações, que alardeavam honra e glória, prometiam lealdade e verdade, juravam fé e coragem. Todas, menos a dos Stark. *O inverno está para chegar*, diziam as palavras Starks. Refletiu sobre como aqueles nortenhos eram um povo estranho, e já não era a primeira vez que o fazia.

– O homem morreu bem, posso lhe assegurar – disse Ned. Tinha na mão um bocado de couro oleado com o qual fazia percorrer com leveza a espada enquanto falava, polindo o metal até soltar um brilho escuro. – Fiquei contente por causa de Bran. Teria ficado orgulhosa dele.

– Estou sempre orgulhosa de Bran – Catelyn respondeu, observando a espada enquanto ele a esfregava. Conseguia ver as ondulações profundas do aço, onde o metal fora dobrado sobre si próprio cem vezes durante a forja. Catelyn não sentia qualquer amor por espadas, mas não podia negar que Gelo possuía sua beleza. Tinha sido forjada em Valíria antes de a destruição ter caído sobre a antiga cidade franca, quando os ferreiros trabalhavam seus metais tanto com feitiços como com martelos. Tinha já quatrocentos anos, e era tão aguçada como no dia em que fora forjada. O nome que ostentava era ainda mais antigo, um legado da era dos heróis, quando os Stark eram reis no Norte.

– Foi o quarto este ano – disse Ned sombriamente. – O pobre homem estava meio louco. Algo lhe incutiu um medo tão profundo que minhas palavras não o alcançaram – suspirou. – Ben escreveu-me dizendo que a força da Patrulha da Noite já não tem mil homens. Não são só deserções. Tem também perdido homens nas patrulhas.

– São os selvagens? – ela perguntou.

– Quem mais poderia ser? – Ned ergueu Gelo e observou o aço frio ao longo de todo seu comprimento. – E só vai piorar. Pode chegar o dia em que eu não tenha escolha a não ser

reunir os vassallos e marchar para o norte a fim de lidar de uma vez por todas com esse Rei-para-lá-da-Muralha.

– Para lá da Muralha? – a ideia fez Catelyn estremecer.

Ned viu o terror no seu rosto.

– Mance Rayder não é nada que devamos temer.

– Há coisas mais escuras para lá da Muralha – ela olhou de relance a árvore-coração às suas costas, a casca clara e os olhos vermelhos, observando, escutando, pensando seus longos e lentos pensamentos.

O sorriso dele era gentil.

– Você ouve em demasia as histórias da Velha Ama. Os Outros estão tão mortos como os filhos da floresta, desaparecidos há oito mil anos. Mestre Luwin lhe diria que nunca sequer chegaram a estar vivos. Nenhum homem vivo alguma vez viu um.

– Até hoje de manhã, nenhum homem vivo tinha visto um lobo gigante – recordou Catelyn.

– Já devia saber que não se pode discutir com uma Tully – ele disse com um sorriso triste e devolveu Gelo à sua bainha. – Não veio até aqui me contar histórias de embalar. Sei bem como gosta pouco deste lugar. Que se passa, minha senhora?

Catelyn tomou nas suas a mão do marido.

– Hoje chegaram dolorosas novas, meu senhor. Não quis incomodá-lo até se ter purificado – não havia maneira de suavizar o golpe, e ela o disse sem rodeios. – Lamento tanto, meu amor. Jon Arryn está morto.

Os olhos dele encontraram os dela, e Catelyn viu como lhe custou, como sabia que custaria. Na juventude, Ned tinha sido acolhido no Ninho da Águia, e Lorde Arryn, que não tinha filhos seus, tinha se tornado um segundo pai para ele e para o seu outro protegido, Robert Baratheon. Quando o Rei Aerys II Targaryen, o Louco, exigira suas cabeças, o Senhor do Ninho da Águia erguera em revolta os seus estandartes da lua e do falcão em vez de entregar aqueles que jurara proteger.

E um dia, há quinze anos, seu segundo pai tinha se transformado também num irmão, quando ele e Ned se juntaram no septo de Correrrio para desposar duas irmãs, as filhas de Lorde Hoster Tully.

– Jon... – Ned disse. – Esta notícia é segura?

– Trazia o selo do rei, e a carta vinha escrita na caligrafia do próprio Robert. Guardei-a para você. Diz que Lorde Arryn partiu depressa. Nem Mestre Pycelle pôde fazer alguma coisa, mas trouxe o leite da papoula, para que Jon não ficasse por muito tempo em sofrimento.

– Isto foi uma pequena misericórdia, suponho – ele disse. Catelyn via o pesar em seu rosto, mas mesmo nesse momento seu primeiro pensamento era-lhe dedicado. – A sua irmã – disse Ned. – E o filho de Jon. Que notícias há deles?

– A mensagem dizia apenas que estavam bem e que tinham regressado ao Ninho da Águia – ela respondeu. – Eu preferia que tivessem ido para Correrrio. O Ninho da Águia é um lugar alto e solitário, e sempre foi o lugar de Jon, não deles. A memória de Lorde Jon assombrará cada pedra. Conheço minha irmã. Ela precisa do conforto da família e dos amigos ao seu redor.

– Seu tio espera no Vale, não é verdade? Ouvi dizer que Jon o nomeou Cavaleiro do Portão.

Catelyn anuiu com a cabeça.

– Brynden fará por ela e pelo rapaz o que puder. É algum conforto, mas mesmo assim...

– Vá ter com ela – Ned tentou animá-la. – Leva as crianças. Encha aqueles salões de ruído, gritos e risos. Aquele rapaz precisa de outras crianças a sua volta, e Lysa não deve ficar só na sua dor.

– Gostaria de poder fazer isso – disse Catelyn. – A carta trazia outras notícias. O rei viaja para Winterfell à sua procura.

Ned precisou de um momento para ver o sentido daquelas palavras, mas, quando as compreendeu, a escuridão abandonou seus olhos.

– Robert vem para cá? – quando ela anuiu, um sorriso abriu-se no seu rosto.

Catelyn desejou poder compartilhar da alegria do marido. Mas ouvira o que se dizia pelos pátios; um lobo gigante morto na neve, com um chifre partido na garganta. O terror retorcia-se no seu interior como uma serpente, mas forçou-se a sorrir para aquele homem que amava, aquele homem que não punha fé alguma nos sinais.

– Sabia que te agradaria – disse. – Deveríamos enviar uma mensagem ao seu irmão, na Muralha.

– Sim, claro – ele concordou. – Ben vai querer estar aqui. Direi a Mestre Luwin para enviar sua ave mais rápida – Ned ergueu-se e ajudou a esposa a pôr-se em pé. – Demônios, quantos anos já se passaram? E não nos dá mais notícias do que estas? A mensagem dizia quantos homens traz na comitiva?

– Penso que um cento de cavaleiros, pelo menos, com todos os seus servidores, e vez e meia este número de cavaleiros livres. Cersei e as crianças viajam com eles.

– Robert virá em passo moderado por causa delas – disse Ned. – Ainda bem. Teremos mais tempo para nos preparar.

– Os irmãos da rainha também vêm na comitiva – ela completou.

Ao ouvir aquilo, Ned fez um trejeito. Catelyn sabia que pouca simpatia havia entre ele e a família da rainha. Os Lannister de Rochedo Casterly tinham chegado tarde à causa de Robert, quando a vitória era praticamente certa, e ele nunca os perdoara por isso.

– Bem, se o preço a pagar pela companhia de Robert é uma infestação de Lannisters, que seja. Parece que Robert traz metade da corte.

– Aonde o rei vai, o reino segue – ela respondeu.

– Será bom ver as crianças. O mais novo ainda mamava da teta da Lannister da última vez que o vi. Agora deve ter o quê? Cinco anos?

– O Príncipe Tommen tem sete anos. A mesma idade de Bran. Por favor, Ned, tenha tento na língua. Lannister é nossa rainha, e diz-se que seu orgulho cresce a cada ano que passa.

Ned apertou-lhe a mão.

– Terá de haver um festim, bem-composto, com cantores, e Robert vai querer caçar. Enviarei Jory para o sul com uma guarda de honra ao seu encontro, a fim de escoltá-los no caminho até aqui pela estrada do rei. Deuses, como iremos alimentar a todos? Maldito seja o homem. Maldito seja o seu real couro.